



A cidade e a memória na obra de Petrônio Rodrigues Chaves

Eduardo Giavara*

Carla Madalena da Silva**

Introdução

A proposta dessa comunicação é fazer a apresentação da obra Petrônio Rodrigues Chaves, *A Loja do Osório*, e sua ressonância na memória local e na identidade tijucana. O autor, membro da elite local, traz para obra seus referenciais sociais e intelectuais. O centro da obra é a cidade de Ituiutaba, na qual mostra seus personagens e as tramas da vida social do município, revela os grupos políticos, os conflitos e os desenlaces de problemas que marcaram a história local. Partimos da hipótese que o lugar social do qual escrevia lhe permitia dispor de um discurso e de instrumentalização narrativa que proporcionou a visão apenas do seu mundo privado, tal argumento se concretizou, na medida em que os elementos apresentados conduziu a sua obra a apresentar sua família, atuação política, espaços de infância e convivência social.

Nesse contexto, Petrônio cria uma cidade na qual ele expõe suas experiências pessoais de convivência e de aprendizado político, o ambiente que aparece nas páginas é idealizado e romântico, carrega os problemas de um saudosismo, “memórias de um tempo perdido”, se esquece ou se silencia dos problemas sociais, da pobreza de alguns bairros e da precária infraestrutura que os jornais relatavam como “grande empecilho do progresso”. Desta forma, é preciso analisar e confrontar a construção memorialística como algo permeado pelas experiências coletivas e como a análise do discurso memorialístico possibilita ao leitor a construção e o panorama de uma dada realidade.

Petrônio Chaves não está sozinho, a tradição memorialística de Ituiutaba foi cultuada por escritores como: Edelweiss Teixeira, “Evolução Histórica de Ituiutaba”, em 1953; Hélio Chaves, que escreve sobre “A economia de Ituiutaba nos seus Diversos Aspectos”, em 1953; Aloísio Silva Novais em seu livro “História Antiga de Ituiutaba”



em 1974; Carmen D. Cunha Cortes, “Ituiutaba conta a sua história”, em 2001; Para além dos livros alguns memorialistas lançaram mão de artigos em periódicos como as Revista Acaaiaca, em especial, no cinqüentenário da cidade, o jornal “Lavoura e Comércio”, de Uberaba, também sempre acolheu os textos históricos e laudatórios dos escritores locais.

Nesse sentido, a memória invocada por Petrônio é a síntese da sua experiência coletiva que toma o espaço vivido, assume o sentimento de pertencimento ao grupo em conviveu e a “cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é ineteligível”. (HALBWACHS, 1990, p. 132). Assim, a memória se revela como o:

[...] sentimento de pertença a um grupo não pressupõe a presença atual de seus membros. Suas influências podem permanecer vivas, orientando o olhar do memorialista sobre o passado. Ainda assim, o apoio coletivo à memória é mais vigoroso quando envolve a presença sensível de antigos companheiros e suas marcas no entorno. A materialidade como que incrementa a presença do grupo em pensamento. A convivência entre antigos companheiros nutre a comunicação entre visões de mundo que se limitam, se conformam e se interpenetram. O passado permanece então em contínua reconstrução pela memória coletiva. (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 367)

Portanto, a ideia de “continua reconstrução da memória” coloca os memorialistas e, em especial, Petrônio no jogo discursivo da memória coletiva e da memória local, permite-lhe reafirmar a “importância” da sua família e dos parceiros políticos no contexto local, conferindo lugar de destaque. É possível perceber que suas memórias afloram pós o fim do governo Vargas, momento que grande parte da hegemonia política dos seus já declina, busca, assim, um lugar de posição na história local.

Entre história e memória na obra “A Loja do Osório”

O livro “A loja do Osório” é uma obra muito popular na cidade de Ituiutaba, editada em 1984, na qual o autor busca narrar fatos de sua memória e criar uma conjuntura que se remete ao passado da cidade, em especial ao período da Primeira República até meados da década de 1940. Com os anos a obra passou a ser uma referência para história local na medida em que ela traz o passado vivido pelo autor como uma das poucas narrativas históricas da cidade. Nas comemorações cívicas da



cidade a obra o tom da obra transborda para os trabalhos escolares a tom memorialístico e ufanista é reproduzido sem nenhuma reflexão acerca da produção do conhecimento histórico. Segundo o próprio Petrônio Rodrigues Chaves sua obra se apresentava como:

O livro não é uma obra literária, pois para tanto me falecem engenho e arte. Nem sequer pretende alinhar se como relato histórico da cidade, da qual, apenas, narra algumas histórias. Define se melhor como um livro de memórias, em que se misturam, como num caleidoscópio, lembranças de minha infância e mocidade, passagens de colorido histórico e algumas biografias incompletas, rabiscos de pesquisas genealógicas. (CHAVES, 1984, p. 7)

Neste trecho percebemos como o próprio autor define sua obra e quais os objetivos essenciais na formatação de sua escrita. Chaves aqui tem plena consciência de que não esta produzindo uma obra historiográfica ou ficcional, mas sim uma ação de memorialista, registrando sem a precisão metodológica a memória de um determinado grupo de indivíduos, no qual ele mesmo se insere como um personagem de suas narrativas.

Para além do peso que a obra representa localmente é preciso refletir sobre o momento que ela é produzida. Sua edição foi patrocinado pelo próprio Petrônio, talvez alguns amigos contribuíram, mesmo tendo uma edição local parece que a obra conseguiu atingir muitas outras localidades. Na década de 1980, Ituiutaba já consolidava sua decadência em relação ao opulento ciclo do arroz e entrava em outro ciclo produtivo: a agropecuária e a inserção da cultura da cana na região. Da mesma forma, a classe política de tempos passados já não encontrava mais espaço nesse novo momento, o espaço urbano também havia se modernizado e a antiga “currutela” recebia pessoas de todo o país para trabalhar, mas ainda sustentava um modelo de urbanização conservadora e excludente, onde se pautava no discurso político local um desenvolvimentismo rápido e eficiente amparado, sobretudo nas atividades rurais, como forma de solucionar os problemas locais.

Desta maneira o discurso político local e até mesmo um sentimento coletivo, impulsionado pela mídia e na opinião pública, frisavam acima de qualquer coisa uma modernização da cidade e um desenvolvimentismo que garantisse novamente a Ituiutaba a catalisação de seu potencial industrial e rural, garantindo que as mazelas



sociais presentes dentro da cidade, fruto da desigualdade social e de uma reurbanização rapidamente fossem sanadas. Mas a euforia que a elite e a mídia difundiam não correspondiam aos fatos, as mazelas sociais eram muitas como falta de água, saneamento básico, asfalto eram os problemas que assolavam grande parte da cidade. Foi a partir desses contrastes da realidade que Chaves escreveu sua obra “A loja do Osório”, mostrando, sobretudo uma perspectiva saudosista em relação a cidade e seus valores, e dando como solução para as questões de seu presente, uma volta ao passado como forma de fortalecer os valores majoritariamente Ituiutabanos, e os sujeitos que se encontravam presentes em um contexto onde o autor considerava melhor, ou seja, a elite do qual o mesmo fazia parte.

A obra possui um caráter de escrita coloquial, em alguns momentos recorre ao texto prolixo, mas percebe-se em outros o recurso ficcional, quando elenca inúmeros sujeitos de um passado idílico, e os legitima como indivíduos essenciais compondo o que se comprehende como a sociedade Ituiutaba.

O livro se apresenta, entretanto como um elogio ao modo de vida interiorano e conservador que pautava Ituiutaba no período anterior a 1940, e tenta constituir uma memória coletiva sem conflitos, e sem grandes atritos para que se consolide a ideia de que a cidade, naquele momento, de fato se comportava como uma comunidade fraterna, ligada por vínculos emocionais e totalmente relacionada.

Acreditamos que “A loja do Osório” busca estabelecer uma perspectiva das redes de sociabilidade que se apresentavam em Ituiutaba no passado. O autor não expõe como ambiente principal da obra um espaço privado, ou uma família ou um indivíduo em específico, seu protagonista é a loja do Osório, espaço onde eram estabelecidas as redes sociais, local este que era possível encontrar as diversas camadas sociais, pairando dessa forma, um aspecto pacífico de formação comunitária do que era a sociedade Ituiutabana.

A obra loja do Osório traz, nomeadamente uma continua necessidade que Petrônio tem em afirmar um apagamento de conflitos, e o de elencar como história da cidade, a história de um pequeno grupo de pessoas, que se relacionavam em um



ambiente urbano – apesar de estarem vinculados ao meio rural – e que não deixavam claros atritos mais profundos, ou reflexos críticos no ambiente social.

Não procuramos dizer que Petrônio Chaves não caracteriza conflitos, o que seria incerto, Chaves em inúmeros momentos nos apresenta conflitos políticos locais, disputas eleitorais e pessoais etc... No entanto, os conflitos que nos apresenta são essencialmente tensões entre as próprias elites Ituiutabanas, que na perspectiva de Chaves, foram os indivíduos que majoritariamente tiveram relevância histórica para a cidade. Tais conflitos desta maneira, não são conflitos sociais, ou disputas fruto de uma ação de várias camadas da sociedade, como os trabalhadores, os indústrias, os latifundiários. São acima de tudo conflitos políticos dentro de uma elite que essencialmente tinha uma mesma ideologia, apenas ambicionavam ampliar suas redes de poder local.

O conflito de maior dimensão local foi o assassinato de Pedro Fenelon, político local. Traz a cena do crime em detalhes em suas páginas, mas se esquiva de emitir opiniões mais contundentes acerca da vítima e dos envolvidos. Transparece, de tal modo, o compromisso que ainda tinha com seus pares acerca do crime, talvez ainda muito da história ainda estive viva nas mentes e corações.

Petrônio busca de uma maneira saudosista relembrar as elites Ituiutabanas, e o comportamento “pacífico” e permeado de redes de amabilidades que se concretizavam no espaço da Loja do Osório, essencialmente como uma resposta a modernização e a ampliação daquilo que fora Ituiutaba da década de 1980. Onde em um momento onde se remodelavam os agentes sociais no município, o que se percebia, sobretudo por parte das elites locais na qual Petrônio Chaves participava, eram se reafirmar historicamente como detentores de uma importância local, e que esses agentes faziam partes de vários espaços na cidade os quais tornava-se condutores de todo e qualquer desenvolvimento na cidade.

Assim percebemos uma necessidade de se relacionar o desenvolvimento e o “novo” que se fazia presente na Ituiutaba da década de 1980, com uma elite histórica e que agora se preocupava em escrever sua história, no sentido em que precisava se reafirmar diante de agentes externos, e também precisa se mostrar apta para estar a



frente das decisões políticas de uma cidade que se modificar socialmente e urbanamente. Com isso o livro se apresenta como peça essencial na consolidação desta memória local, na memória que dará a Ituiutaba um tom idílico e ausente de conflitos, sejam eles na cidade ou no campo, que traz, sobretudo um ambiente de conciliação entre as classes, e de conformação em relação a precariedade em que determinados grupos sociais viviam.

No campo geográfico, Petrônio procura priorizar os espaços vividos pelos seus pares, sua preocupação em narrar o cotidiano e a vida social da cidade, não contempla a cidade toda, mas apenas espaços que contemplam a zona central, deixando a margem os espaços periféricos, e as áreas onde nem o poder público e nem a memória da elite local poderia chegar.

Na obra começa a relatar sua experiência no momento que abandona a área rural, em meados do século XIX, e se muda com sua família para a área urbana. Naquele momento, Ituiutaba era uma cidade carente de infraestrutura, a água que chegava era aos pingos nas torneiras podemos notar essa questão quando Petrônio Diz:

Acima de todas a limitações de conforto, padecíamos, diariamente, de falta d'água. Esta chegava do Goiabal aos pingos nas torneiras da Bela Vista e somente com a inauguração da "caixa d'água do Tonico Franco" o suplício foi minorado. Essa carência de água- aumentada anualmente com a expansão urbana- continuaria para nós na nova residência da Praça da Matriz, e eram tão insistentes as recomendações de minha mãe que eu – até hoje- atento, ainda, no subconsciente, às suas contínuas e ásperas advertências:
-Menino, fecha essa torneira!... (CHAVES, 1984, p 111)

A deficiência do abastecimento continuou como um grande obstáculo para o autor, até que em 1969, se inaugurou o serviço da SAE, na gestão do Presidente Samir Tannus. "Até então: gritaria de mamãe, depois bomba de sucção em casa do sogro e minha também, à av. 15-941. Com essas bombas, de manhã e à tarde, fazíamos, sem o suspeitar, profilaxia da bursite das articulações escápulo-umerais". (CHAVES, 1984, p 111-112)

A energia elétrica também era precária sendo que a primeira iluminação foi inaugurada no ano de 1905, por gás acetileno, colocando nos postes lampiões, os quais sempre tinha um responsável para acendê-los todos os dias, mas logo essa foi interrompida e a cidade ficava novamente no escuro, as casas eram iluminadas através



de lampiões e lamparinas. Em 16 de julho de 1922, foi inaugurada na cidade a pequena usina de 80 HP, o Salto do Morais, a qual tinha como gerente Hilarião Chaves, a empresa teve papel importante para a cidade, através dela foi acionado as primeiras indústrias, as vias públicas e as casas da cidade, entretanto, havia falhas decorrentes, pois era pouca energia para suprir a cidade. Segundo Petrônio

Por vários anos, a cidade ficou bem aparelhada de recursos energéticos. Mas com o progresso, assinalado em outras páginas, os 80 cavalos já não tinham mais fôlego suficiente para atender às exigências urbanas. Sobreveio a crise mundial, o país sofreu a convulsão de 1930. O dinheiro escasseou. A luz, atendendo a um velho ditado de que um mal nunca vem só, empalideceu nas lâmpadas das casas e das ruas, evidência que levou muitos usuários ao falso expediente, -pois lesivo à coletividade do transformador. Iniciaram-se ações de derrotismo, campanhas de ataque pessoal, que explodiram em gestos de ira popular, acionada por desordeiros, que culminaram no lamentável episódio do quebra-cabeça de lâmpadas e postes de iluminação pública. (CHAVES, 1984 p.163)

Foi até que em 1950, através de recursos arrecadados da política dos empresários do comércio e da indústria foi inaugurada a Empresa Luz e Força Ituiutaba. S.A – ELFISA “a empresa instalou, em outubro de 1951, na Av. 25, um conjunto diesel-elétrico de fabricação alemã, com a potência de 230 H.P. Essa medida retardou alguns meses e a demora provocou insatisfação, reclamações, desassossego.”

Após memorável campanha de apoio financeiro de que participaram o povo, os órgãos de governo, estadual e municipal, empresários, demonstrando, mais uma vez, a força do poder da vontade do ituiutabano, instalou-se a nova usina, agora com mais 3.000 cavalos. (CHAVES, 1984.p.166)

Percebemos que de acordo com a obra à época que é retratada pelo autor no século XX, a cidade teve um considerável aumento de população, mas que, no entanto, não aparece na obra, como os bairros outros locais o que o autor ressalta é somente a parte central. Percebe-se que Petrônio traz a memória de um passado particular, momentos que ele viveu, notamos quando ele se refere as ruas da cidade, nas quais busca memórias em seu álbum de fotografias, ou seja, de particularidades e locais vividos por ele e sua família narrando as ruas que ele passava diariamente assim como também lembranças que lhe eram resgatadas através de conversas com a sua mãe, Lilia. Notamos que se utiliza de sua memória individual para compor uma narrativa memorialística.



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História**

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



No que tange as festa e comemorações a cidade apresentada é aquela que marcou a sua infância e juventude e seu convívio familiar. De acordo com o autor, a vida social era basicamente em torno da praça do jardim público, nos quais os jovens iam passear nas tardes de domingos e feriados havia também, o Cine Santo Antônio o cinema de Tonico Moraes. Ainda era possível apreciar a banda de música que sempre apresentavam em comemorações e reuniões públicas, assim como festas de inaugurações ocorridas na cidade. Por muito tempo a banda foi comandada pelo maestro Coletto de Paula, chamada “Lira Congressista”, em homenagem ao Congresso Nacional, nome dado pelos partidários da campanha civilista de Rui Barbosa.



Foto 01 - A foto lembrada por Petrônio foi o casamento da irmã Alice Chaves com Conceição Franco Barbosa, “[...]À saída da Matriz de São José, onde foi realizado o casamento religioso, o acompanhamento a pé, dos recém-casados e assistentes, foi fixado pelo caprichoso e dedicado Horácio de Paula Siqueira, numa fotografia que se tornou clássica para a documentação dos usos e costumes da época [...]” (CHAVES, 1984, p. 271)

Notamos que o teatro e a música andavam juntos, assim como as escolas fatos esses que podemos notar, pois reuniam professores e alunos do grupo Escolar João Pinheiro e do Instituto Marden para fazer apresentações no barracão do Cine Santo Antônio, os quais cantavam musicas enaltecendo as riquezas do município. Petrônio cita os alunos como “baluartes de nosso progresso, expressões de destaque em nosso meio social e profissional”. (CHAVES, 1984, pág 62).



O progresso que o autor se referia atingia somente os filhos da elite Ituiutabana, da qual o autor fazia parte. Da mesma forma, a vida social não atingia a todos, os eventos não eram acessíveis para as classes menos favorecidas, a distância e o fato de grande parte desta população habitar nas zonas rurais dificultava a participação. No âmbito educacional observamos que as escolas citadas pelo autor são escolas que somente os filhos das “personalidades” de Ituiutaba estudavam, e isso era para poucos apenas filhos de fazendeiros, políticos, médicos, advogados que eram as profissões mais abastadas na época. Vale lembrar que grande parte das escolas estavam na zona rural e o avanço nas séries implicava a mudança para cidade, requerendo mais recursos para manutenção do filho ou filha.

Notamos de acordo com a obra que os mesmos personagens que constituíam a vida pública, os chefes políticos, os médicos, os fazendeiros eram também os donos dos comércios, aos quais percebemos que tudo circulava em torno dos mesmos indivíduos, mas que para que tivesse êxito nos seus negócios era necessário as mãos dos personagens excluídos invisíveis.



Foto 02 – “Logradouro histórico, foi a esquina da Quinze, palco de comícios memoráveis, antes da Revolução de 64. Ali se fizeram ouvir políticos, oradores que, como Ademar de Barros, candidato à presidência da República, oradores de grandes méritos [...] foi também, a esquina da Quinze, palco de tragédias, brigas, discussões acaloradas e assassinatos [...]” (CHAVES, 1984. p. 377)



Chaves descreve a cidade da forma que ele a via, o que ele vivenciou desde a infância até completar a maioridade e ir cursar medicina no Rio de Janeiro. Ele traz a cidade como se fosse perfeita, sem problemas, com ruas bonitas, momentos felizes, do mesmo modo olhava à zona rural em que viveu parte da infância. Diante disso, concluímos que para ao autor, mesmo com todas as dificuldades que aconteciam, como falta de água, falta de saneamento e falta de energia, isso não o afetava, pois possuía recursos que possibilitava sanar esses problemas, não chegava a se prejudicar de forma direta.

Mas havia sim muita pobreza tanto na área urbana como na rural, em uma rara passagem na obra “O Vale da Fartura”, o autor Petrônio traz um capítulo sobre as comunidades pobres do sertão triangulino, na qual é possível notar que o autor percorreu essas áreas de pobreza investigando a alimentação das populações desde o nascimento, com olhar de médico viu que a fome trazia grandes prejuízos para essas pessoas. O resultado desse trabalho foi publicado na Revista Brasileira de Medicina, em dezembro de 1947, ou seja, alertou que aquelas populações excluídas pelo governo, esquecidas na pobreza, viviam na miséria total, entretanto, apesar de possuir influência no âmbito político e não propôs melhoria alguma para essas classes assim como também as exclui.

Assim, Chaves legítima um modelo narrativo focado nos setores abastados e que não se dá de forma neutra, mas sim fundamentado em uma legitimação presente destas elites diante do quadro político e social em que tais grupos se encontravam na década de 1980. Sua obra busca apagar os conflitos, algo que se assemelha muito aos discursos fascistas ou integralista, vertentes políticas nas quais Petrônio Chaves tinha bastante proximidade e apreço. Portanto, a obra é sobretudo, uma manifestação das relações que se davam no espaço público ituiutabano, ela não se importa ou pretende narrar o ambiente doméstico ou privado, ela é por excelência uma manifestação da magnitude pública. E esta questão se dá principalmente por que no espaço público é onde o autor percebe a integração, e a formação da memória coletiva.



Fontes e referências bibliográficas:

- CHAVES, Petrônio Rodrigues. *A Loja do Osório*. Ituiutaba. Ed. Do autor. 1984.
- CHAVES, Petrônio Rodrigues. *O Vale da Fartura*. Ituiutaba. Ed. Do autor. 1985.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 55, p. 367-376, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice e Revistados Tribunais, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

* Professor do Curso de História da FACIP/UFU. E-mail: <giavara@ufu.br>.

** Graduada em História pela UFU – Campus Pontal; professora da Rede Pública do Estado de Minas Gerais. E-mail: <carlamada@gmail.com>.